

## **AS CIDADES INVISÍVEIS E A DUPLA POLIFONIA**

Augusto Rodrigues da Silva Junior – UNB

augustorodriguesdr@gmail.com

**Resumo:** Este artigo é uma das formas possíveis de leitura polifônica *d'As cidades invisíveis* de Italo Calvino. Isto significa percorrer os capítulos-dialógicos que abrem e fecham as sequências narrativas das cidades propriamente ditas. A partir da relação Marco Polo/Kublai Khan histórica, interpretamos os diálogos entre os personagens de Calvino tendo sempre em mente "O narrador" e as "Teses" de Walter Benjamin que discute as diferenças entre o contador de histórias que troca experiências e o narrador de romance que se segrega em si mesmo, isolando-se do contato humano.

**Palavras-chave:** Calvino, Duplo narrador, cidades invisíveis.

**Abstract:** This article is one of the many ways of polyphonic's reading Italo Calvino's book: *Le città invisibile*. It means to travel the dialogicals chapters that open and close the narrative sequence in fact. Starting from the historical relationship Marco Polo/Kublai Khan, we interpreted the conversations of the Calvino's characters always keeping in mind the text "*The Storyteller*" and the "*Theses*" wrote by Walter Benjamin that discusses wich are the differences existents between the narrator that changes experience and the narrator of novels that is lost in himself, far way of the human contact.

**Keywords:** Calvino, Double Storyteller, Invisible Cities.

Ao observar os mecanismos que fundamentam uma arquitetura do romance é possível compreender que alguns livros foram compostos a partir de uma dupla. Outros livros – com personagens solitários. A dupla, provavelmente a mais famosa da história do romance é formada por Dom Quixote e Sancho Pança. O solitário mais famoso, ainda no gênero, é Robinson Crusoe.

Investigando, de modo geral, a prosa de Italo Calvino percebe-se um conjunto maior de personagens solitários: O Barão das árvores, as metades do Visconde, O Cavaleiro – com um escudeiro alheio –, Marcovaldo, Qfwfq, Palomar, dentre outros. Por outro lado, em seu livro mais bem acabado, *As cidades invisíveis*, uma dupla chama a atenção: Marco Polo e Kublai Khan. O epíteto, embora controverso, é uma opinião, em exercício crítico, compartilhada com a do autor:

Se meu livro *Le città invisibili* continua sendo para mim aquele em que penso haver dito mais coisas, será talvez porque tenha conseguido concentrar em um único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjecturas; e também porque consegui construir uma estrutura facetada em que cada texto curto está próximo dos outros numa sucessão que não implica uma conseqüencialidade ou uma hierarquia, mas uma rede dentro da qual se podem traçar múltiplos percursos e extrair conclusões múltiplas e ramificadas<sup>1</sup>.

Embora não seja aconselhável deixar que o autor, uma vez leitor de si mesmo, encaminhe a leitura da crítica – instaura-se aqui uma proposta dúplice em que ambos coincidem. Neste sentido, enforma-se uma dupla polifonia sem risco de incorrer em monologismos e dialogismos delimitantes. Ainda em diálogo com Calvino é possível

---

<sup>1</sup> CALVINO. Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 86.

traduzir a impressão deste artigo sobre *As cidades invisíveis*: “Penso ter escrito algo como um último poema de amor às cidades, em um momento no qual nem sempre é fácil vivê-las como cidades”<sup>2</sup>.

Este artigo aponta as estruturas dialógicas e monológicas constantes nesta ficção de Calvino. Mas entende que este livro extrapola as categorias de gênero definidas por Mikhail Bakhtin. Isto significa dizer que esta obra é o primeiro grande livro capaz de compor elementos polifônicos não só no seu caráter romanesco, mas por ampliar esta possibilidade ao gênero poético e, principalmente, ao gênero dramático em sua fusão com o princípio dialógico-socrático.

Estes elementos são estabelecidos pela dupla em questão e, em sentido polifônico arquitetônico, as possibilidades dialógicas propostas por esta ficção são inumeráveis: diálogo entre personagens; diálogo entre o viajante e cada cidade-feminina; diálogo entre o viajante que rememora e reconta para o outro; diálogo entre o personagem-ouvinte que rememora os diálogos de outrora; estilização do conto escrito (*short stories*) em cada cidade lida individualmente; estilização do conto oral tendo como marca a concisão; estilização do elemento oral do teatro na possibilidade do livro, como um todo ser apenas a voz de um dos personagens; o mesmo, com variantes para as memórias individuais de um dos personagens; um romance em si mesmo; *fiction*... Tudo isso arquitetado pelo duplo narrador ficcional cuja voz orchestra o conjunto de seres, cidades, mapas, contornos... Um duplo narrador moldado pelo elemento articulador dialógico da dupla predominante.

*As cidades invisíveis* de Italo Calvino, publicadas em 1972, remetem-se a um momento muito importante na história da imaginação da humanidade: a chegada do jovem

---

<sup>2</sup> CALVINO, Italo. *Le città invisibili – Posfazione*. Verona: Oscar Mondadori, 1993. p. IX. Tradução nossa.

veneziano Marco Polo ao Império de Kublai Khan na Mongólia, em 1275, e sua estadia até os anos de 1298-1299, ano em que ao partir da corte asiática ficou preso e ditou *O livro das maravilhas*.

O livro *Il Milione*<sup>3</sup> é composto de três partes e cada capítulo apresenta os nomes, os costumes e as *trocas* de cada lugar visitado pelo viajante. As cidades e os nomes desdobram-se no livro das passagens duvidosas a partir da recriação literária no Século XX. Marco Polo, personagem e contador de histórias de Calvino, percorre lugares sem uma localização real e assim multiplica as possibilidades temporais nas descrições daqueles lugares a Kublai Khan. Pela via ficcional, as imagens, no invisível das cidades-mundo, tornam-se visíveis.

Espaços ocultos de *urbs* antigas e medievais, modernas e contemporâneas, sobrepostas por filigranas, se sobrepõem. Calvino utiliza a imagem de que Marco Polo afirmava ter descrito em seu livro tudo o que viu ou ouviu dizer em suas viagens pelo Oriente e a intenção de informar aos europeus, em especial aos venezianos, de todas as riquezas e, por extensão, das diferenças culturais – até então desconhecidas por esta parte do mundo. O livro recupera essa relação do mercador de Veneza, presentificando dramaturgicamente os diálogos entre o diplomata italiano e o imperador mongol. Intercalando as descrições d'*As cidades invisíveis* com recriações imaginárias dessa situação, compõe a relação globalizada entre o Oriente e o Ocidente no fim do último milênio. Com reflexões sobre cidades, discursos e seres humanos, por meio de um olhar urbanizado, revisa a história da humanidade. Atemporais e atópicas, as cidades-diálogo

---

<sup>3</sup> POLO, Marco. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo*. Trad. Elói Braga Júnior. Porto Alegre: L&PM, 1999.

situam-se no universo invisível, possibilitado pela criação poética: “Somente nos relatórios de Marco Polo, Kublai Khan conseguia discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmornar, a filigrana de um desenho tão fino a ponto de evitar as mordidas dos cupins”<sup>4</sup>.

Entre as diversas possibilidades de descrição desse livro, diríamos que há uma divisão *capitular* com onze números que abrem e fecham cada série de cidades. Nos diálogos pontuais, o autor estabelece uma relação entre o Marco Polo personagem, suposto narrador de cada cidade-narrativa, e um narrador onisciente, espécie de autor criado ou, até mesmo, com Kublai Khan. Este narrador ampliado, um terceiro da dupla, conhece pensamentos e sentimentos do imperador e do mercador, é capaz de ter uma visão própria sobre os acontecimentos e questões filosóficas levantadas pelos passeios discursivos. Enfim, é uma terceira voz que submerge da condição dialógica da dupla em forma de diálogo dramático, parábolas, alegorias etc. que discutem possibilidades emblemáticas.

Assim, a voz que ecoa d’*As cidades invisíveis* segue além da superfície encantadora do visível e transforma os passeios numa verdadeira força integradora da imaginação: o invisível. Os elementos urbanos falam com o leitor – que se reconhece passeando pelas vias de quadras que se bifurcam. Na agilidade do espírito, que passeia por ruas rotas, e na leveza da alma, que voa em parábolas, é possível perceber uma fauna e uma flora peculiar a cada cidade. Perscrutar quem e o que é leveza, e conservar é o exercício do passante.

O passante revive gestos ancestrais de diálogos em cada viagem urbana e assim renova os mitos – versões. Este olhar, não por acaso colocado no centro do livro como “As cidades e os olhos”, se encarrega das memórias, das palavras e das coisas. Imagens

---

<sup>4</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 12.

(símbolos) que se renovam na arte de narrar. Ao escolher seus *heróis* (pensando com Walter Benjamin) apresentam-se seres capazes de intercambiar experiências: “O que está no coração de meu Marco Polo é descobrir as razões secretas que levaram os homens a viverem na cidade, razões que poderão explicar, de alguma maneira, todas as crises.”<sup>5</sup>

Observador e rememorador, contador e narrador de histórias, Marco Polo e seu imperador-ouvinte são personagens que representam a possibilidade de um retorno da “faculdade de intercambiar experiências”<sup>6</sup>. Faculdade que Benjamim e Calvino, cada qual a seu modo, mantiveram por meio de suas leituras da cidade moderna.

Assim, ambos permitem, no reconhecimento dos fenômenos naturais e urbanos, em um momento de sentimento de crise, que se fundem nos humanos, em constantes trocas, o interior das cidades. Diante das pálpebras que dividem o mundo recordado do mundo observado, o ressurgimento do contador (aparentemente perdido na “era da reprodutibilidade”, agora é recriado nas *Cidades Invisíveis*:

Não é apenas para comprar e vender que se vem à Eufêmia, mas também por que à noite, ao redor das fogueiras em torno do mercado, sentados em sacos ou em barris ou deitados em montes de tapetes, para cada palavra que se diz – como “lobo”, irmã”, “tesouro escondido”, “batalha”, “sarna”, “amantes” – os outros contam uma história de lobos, de irmãs, de tesouros, de sarna, de amantes, de batalhas. E sabem que na longa viagem de retorno, quando, para permanecerem acordados bambaleando no camelo ou no junco, puserem-se a pensar nas próprias recordações, o lobo terá se transformado num

---

<sup>5</sup> CALVINO, Italo. *Le città invisibili – Posfazione*. Verona: Oscar Mondadori, 1993. p. IX. Tradução nossa.

<sup>6</sup> BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. vol. I, p. 198.

outro lobo, a irmã numa irmã diferente, a batalha em outras batalhas, ao retornar de Eufêmia, a cidade em que se troca de memória em todos os solstícios e equinócios<sup>7</sup>.

Entre a proximidade das coisas e dos seres urbanos, o viajante observa que as histórias também constituem objetos de trocas. Bem como, os olhares e os sonhos. Bem como, os gêneros literários que se intercambiam. Em um Século de mortes e pessimismos, Calvino reconhece na própria cidade a possibilidade de renovação do olhar e, propõe assim, 11 formar de recontar histórias no próximo milênio.

Recordando a última estação de *Marcovaldo* o mundo ainda estava repleto de possibilidades de compra e venda. Mas há sempre um coelho branco, como o coelho de Alice, que indica uma nova direção para o olhar. Equivalente aos lobos, irmãs, batalhas etc. as palavras “eufemizadas” potencializam as coisas e estas, à medida que se deixam transportar por intercâmbios incessantes de significados, transformam-se em imagens.

Walter Benjamim buscando uma resposta para as mudanças na forma do homem sentir e dar sentido ao mundo, com o advento da técnica, vai colher nas *Flores do mal* a possibilidade de uma poesia dialógica. No ato de sair e observar as ruas na cidade grande – “a técnica submeteu, assim, o sistema sensorial, a um treinamento de natureza complexa”<sup>8</sup>. Treinamento seria uma palavra mecânica para quem acredita em um mínimo de espontaneidade e criatividade do comportamento humano, mas é desse modo que se aproxima da vivência geradora de poesia. O olhar perscrutador de personagens, tais como

---

<sup>7</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 38-39.

<sup>8</sup> BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. vol I. p. 125.

Marcovaldo, Marco Polo, Palomar, opera como olhos de homens que atravessam multidões: seres que “[...] cruzam assim o eterno escuro que os invade”.<sup>9</sup>

Benjamim buscou as respostas que procurava na cidade visual de Baudelaire e percebeu que com o advento da técnica o que mudou sensivelmente foi o (modo de) olhar. Em “O Narrador”, complementa ao mostrar que o modo de contar, de dialogar, de romancear também estaria mudando. Mas Benjamim tinha as retinas fatigadas. Ao demonstrar que vários aspectos da vida social e privada foram afetados por essa transformação ele e Baudelaire sentiu-as todas na pele. Calvino, marxista nos anos de formação, também esteve doente das retinas. Mas os eventos, ao contrário, as atraíram. *As cidades invisíveis* renovam o narrador, articulando o oral e o escrito e renovam os modos de ver e estar na cidade.

No interior de sua casa, o burguês, tentando subtrair-se a essa massificação, valorizava pequenos objetos em que pudesse deixar seus vestígios – esse fato, por si mesmo, espelhava a tentativa de superar a perda da aura. Neste sentido, no diálogo que movimenta a dupla narrativa de Calvino os vestígios e a aura ganham novas camadas de pátina. Se para Benjamim o vestígio é o aparecimento de uma proximidade, por mais distante que esteja aquilo que o objeto deixou no ser e a aura seria o aparecimento de uma distância, por mais próximo que o objeto estivesse daquilo que o suscita. Enfim, para o alemão no ato do vestígio, apossamo-nos da coisa; na aura; ela se apoderaria de nós. No caso das *cidades invisíveis* essa lógica é uma via de mão dupla – aura e vestígio alternam-se no discurso, na troca de experiência que supera a própria troca material.

---

<sup>9</sup> BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 345.

Calvino também amplia a *flânerie*. Se ela entrava em decadência no período baudelairiano, com a dupla narratária ela entra em expansão. Se o olhar do *flâneur* foi agredido pelo brilho da luz elétrica, se sua originalidade foi, aos poucos, submetida à uniformidade da vida urbana e se, desconhecido, estava abandonado à multidão (*Idem, Ibidem*, p. 51), com Italo Calvino o homem das multidões interage com os seres, com as coisas, com os discursos.

Se o poeta francês, como burguês depauperado, refugiava-se no tumulto que cegava e, paradoxalmente, revelava um profundo sentimento da cidade, nos *tâbleaux* de Calvino um véu fantasioso e realista reveste os espaços revisitados e as tramas possíveis formam com tempos redescobertos pela dupla que erige diálogos invisíveis:

Marco entra numa cidade; vê alguém numa praça que vive uma vida ou um instante que poderiam ser seus; ele podia estar no lugar daquele homem se tivesse parado no tempo tanto tempo atrás, ou então se tanto tempo atrás numa encruzilhada tivesse tomado uma estrada em vez de outra e depois de uma longa viagem se encontrasse no lugar daquele homem e naquela praça. Agora, desse passado real ou hipotético, ele está excluído; não pode parar; deve prosseguir até uma outra cidade em que outro passado aguarda por ele, ou algo que talvez fosse um possível futuro e que agora é o presente de outra pessoa. Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos.

— Você viaja para reviver o seu passado? – era, a esta altura, a pergunta do Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira: – Você viaja para reencontrar o seu futuro?

E a resposta de Marco:

— Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 28-29.

O espelho em negativo é o que o outro vê refletido nos olhos de quem fala. Reviver o passado enquanto diálogo é pintá-lo como parte do presente e não tão somente parte de um história ou biografia. Além disso o espaço define o tom, a cor, os matizes e as texturas de cada fala. Neste sentido, outra lição do belo que aprendemos nas *Cidades invisíveis* podem ser antevistas com o pensador alemão e diz respeito às tão conhecidas e (humanamente) sofridas noções de passado, presente e futuro ao longo da história e tão controversar no Século XX. Em suas *Teses sobre filosofia da história*<sup>11</sup> (in: Kothe, 1991), Walter Benjamin diz que o passado não está definitivamente acabado. Possui fendas. Múltiplos pontos de abertura para outros possíveis futuros. Cabe ao historiador não apenas consagrar o passado, mas atualizá-lo no presente para que esses futuros deixem de ser possibilidades (ver teses VI, XIV e XVIII).

Neste sentido, a estrutura narrativa d'*As cidades invisíveis*, palco dos acontecimentos, dialoga com esta perspectiva reconhecida positivamente pelo próprio Calvino em uma de suas propostas – a carnavalização do gênero romance prenunciada por Gargântua e Panurge, Quixote e Sancho, Bouvard e Pécuchet, dentre outros. Em perspectiva polifônica tem-se a leitura da grande obra do mundo: onze propostas para olhar as cidades no próximo milênio conduzindo o leitor como um código interno e secreto (de um jogo interpretativo), que anuncia que há um fio condutor que movimenta cada peça, cada engrenagem.

Assim, todos os discursos remetem-se a outras coisas e, cada coisa conserva outras vozes. Kublai Khan e Marco Polo não se contentam em olhar e apreender as cidades visíveis, associam enigmas e comentários, contemplam-nas de vários pontos de observação e em todas as suas extensões. Transcendem as ações vivenciadas e valorizam a experiência

---

<sup>11</sup> BENJAMIM, Walter. In: KOTHE, Flávio (org.) *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991.

passada de pessoa a pessoa, conscientes de que as fontes das narrativas (arquétipos enigmáticos) e o narrador de relatos sagrados (de comentários profanos) guiam o terceiro do discurso por *maravilhas* vistas, ouvidas e esquecidas. Nas ruínas das paredes erigidas pelo tempoespaço descontínuo da mente, o leitor, por sua vez, percorre cidades contínuas que surgem no ato de contar, na estilização oral oferecida pela prosa:

— [...] Às vezes, basta-me uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe quem capta. Se digo que a cidade para qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la. Pode ser que enquanto falamos ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins do seu império; é possível encontrá-la, mas da maneira que eu disse<sup>12</sup>.

Kublai Khan e Marco Polo, no jardim dos acontecimentos imperiais (que é o mundo), nas ruínas suspensas das imagens (dentro das pálpebras), dialogam sobre os alicerces de estruturas arquitetônicas e arquetípicas. Se para Benjamim, não seria mais possível, na modernidade, a comunhão entre as pessoas, por terem perdido a capacidade de dialogar com os outros e com o próprio espaço da cidade, *As cidades invisíveis* realizam justamente esse diálogo de forma cosmogônica, ou seja, a relação do ser com o lugar em que habita, desloca-se, ou transporta-se através do olhar. A relação com o outro torna-se portal de

---

<sup>12</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 49.

entrada para o diálogo. O diálogo, mapa para caminhos, calçadas, avenidas e ruas sem nome:

KUBLAI: Eu também não tenho certeza de estar aqui, passeando em meio às fontes de púrpura, escutando o eco dos jorros de água, e não cavalgando embebedado de suor e sangue à frente do meu exército, conquistando os países que você irá descrever, ou decepando os dedos dos agressores que escalam a muralha de uma fortaleza assediada.

POLO: Talvez este jardim só exista à sombra das nossas pálpebras cerradas e nunca tenhamos parado: você, de levantar poeira nos campos de batalha, e eu, de negociar sacas de pimenta em mercados distantes, mas, cada vez que fechamos os olhos no meio do alvoreço ou da multidão, podemos nos refugiar aqui vestidos com quimonos de seda para avaliar aquilo que estamos vivendo, fazer as contas, contemplar as distâncias<sup>13</sup>.

A filosofia que constitui cada diálogo, a abstração que habita os comentários desses dois seres (um dia) carnavais e históricos, recriados por um indivíduo das metrópoles contemporâneas, representa as ideias de habitantes de tempos múltiplos em que o Império de Kublai Khan e a Terra, tal como é conhecida hoje, se fundem. A poesia-filosófica que entrecorta as narrativas representa um espaço ultramarino em que navegar significa ir além dos mares.

Essa poesia dialógica da metrópole seria o exemplo da simplicidade dos contadores de histórias e representa, ao mesmo tempo, todos os metropolitanos não só como habitantes de sua cidade natal, mas de várias paragens integradas pela voz. Nessa narrativa, também os diálogos, desde o surgimento das vilas até as possíveis cidades-mundo futuras, são

---

<sup>13</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 95-96.

contemplados pela dupla. Polo e Khan descobrem-se com peso e revelam, com leveza, que o reflexo do mundo, nos olhos do homem, no ato de contação, seria a primeira imagem que a cidade tem de si mesma.

O viajante-narrador recria as paisagens, ao descrever aquilo que viu. Ele escolhe como e o que deve ser narrado. O absoluto vivido se relativiza no discurso e se desdobra dialeticamente no diálogo fictício. Marco Polo, recortando um frase de Benjamim, pode-se dizer, “[...] é daqueles narradores que pertencem à categoria dos que viajam muito e por isso têm muito para contar”<sup>14</sup>. *Heróis* de um tempo de grandes heróis, carregando o peso de um mundo ainda em grande incógnita, ressurgem na contemporaneidade como alguém que vem de longe, que conhece, reconhece os outros e, estrangeiros e cidadãos-do-mundo, ao mesmo tempo, partem para apreender os lugares e compreenderem as pessoas. Nesta existência nômade da voz, a premissa de reconhecer uma cidade nas outras, as dúvidas confrontadas com as dos outros e de ver a si mesmo refletido na vidraça, como o homem que andava distraído pelas ruas.

No diálogo, a dupla de personagens ouve, pergunta, responde, comenta, duvida, imagina e palavra as cidades de seu reino. Viajar ou passear, ouvir e escrever pelo império, desejar conhecer tradições e contradições permite recriar paisagens gravadas e descritas, fixando-as por meio de imagens de imagens, imaginando mesmo aquilo que não viu, algo ainda futuro, invisível, oculto, consciente de que “quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. vol I, p. 198.

<sup>15</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 123.

Todas as cidades que esse o comentador de historicidades se inscreve na condição de marinheiro-comerciante as vilas de seu domínio discursivo, mesmo distante, permitem sentir uma relação íntima (ligada ao poder e à possível expansão comercial, geográfica e humana). Ele é responsável pela (construção da) arquitetura sensível dessas megalópoles: espaços concretos e vazios, ao mesmo tempo, feitos de tensões invisíveis, lembranças dos falares e “calares” que compõem o atlas narrativo: “Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada”. Marco Polo possui as cidades em si mesmo, por conhecê-las e, por transformá-las em narrativas, percebe que “[...] a cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”<sup>16</sup>.

Kublai Khan, o imperador sedentário, conhece possuindo, imaginando, ouvindo e considerando as ruínas e os arranha-céus nas narrativas de seu embaixador-viajante predileto. Ele busca, pela elaboração de regras, enquanto joga com os enigmas das cidades invisíveis, compreender a ordem que rege os discursos e as cidades: “[...] A certo momento Kublai Cã personifica a tendência racionalizante, geometrizar ou algebrizante do intelecto.”<sup>17</sup>. A memória do narrado, ao ser ouvido de outro, transforma-se em regra, desejo de visualizar o invisível. A narrativa relacionada com a recordação desdobra-se no homem que confronta os próprios medos e, assim, enuncia propostas de responsabilidade:

---

<sup>16</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>17</sup> CALVINO. Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 1990, p. 86.

– Entretanto, construí na minha mente um modelo de cidade do qual extraio todas as cidades possíveis  
– disse Kublai. – Ele contém tudo o que vai de acordo com as normas. Uma vez que a cidades que existem se afastam da norma em diferentes graus, basta prever as exceções à regra e calcular as combinações mais prováveis<sup>18</sup>.

O escritor italiano, com esses *tipos arcaicos*, com a dupla que integra o gênero e/ou uma simples amizade, insere-se na tradição e a reinventa. Diante de um império melancolicamente falido (possível referência à contemporaneidade) e certo pessimismo vislumbrado no Calvino matemático da década de 70, o reino narrativo de *As cidades invisíveis* é compreendido pela soma dos saberes do ser sedentário com os saberes das terras distantes traduzidos pelo discurso do ser nômade<sup>19</sup>. Nessa dimensão que funde as duas tradições, equaciona-se uma terceira via: a do discurso invisível que exprime a “[...] tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas”<sup>20</sup>:

– Ao passo que mediante o seu gesto as cidades erguem muralhas perfeitas, eu recolho as cinzas das outras cidades possíveis que desapareceram para ceder-lhe o lugar e que agora não poderão ser reconstruídas nem recordadas. Somente conhecendo o resíduo da infelicidade que nenhuma pedra preciosa conseguirá ressarcir é que se pode computar o número exato de quilates que o diamante final deve conter, para não exceder o cálculo do projeto inicial<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 67.

<sup>19</sup> BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. vol. I, p. 199.

<sup>20</sup> CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 1990, p. 85.

<sup>21</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 58.

A matéria fragmentada que compõe a passagem invisível do tempo, enquanto a cidade é discernida, pode se transformar em espaço na narrativa. Basta que o contador de histórias não se deixe empurrar pela tempestade de progresso – como o anjo de Klee interpretado por Benjamin (na tese IX). Mas que, diante das ruínas-mundo, o poeta, assim como o filósofo, ou o imperador, ou o homem que anda pelas ruas distraído, detenham-se a recolher com paciência e atenção os pedaços de vida e futuro espalhados.

Figurando um andarilho que viaja fisicamente, Marco Polo é, ao mesmo tempo o ser que “viaja” e que conhece as cidades na prática, ou seja, como negociante, como estrangeiro, como diplomata, como poeta; contando sua experiências, narrando histórias ao Grande Khan, ditando a Rusticiano, que escreve a edição de *Il milione* (O livro das maravilhas), contando oralmente sua experiência ao voltar à sua cidade natal (Veneza) reescreve, enfim, a nós (simples leitores), as maravilhas invisíveis que se transformam em "vozes escritas" no livro d'*As cidades invisíveis*:

– Eu falo, falo – diz Marco – ,mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado aos ferros na mesma cela que um escriba de romances de aventuras<sup>22</sup>.

Marco Polo representa ainda o escritor como contador de histórias orais, que acredita na possibilidade de um *desinferno* pela palavra. Ele une o saber, a sensibilidade do pensamento que abarca a história, a arquitetura, as fronteiras, a um sentir sentido, ao

sentimento poético nas cidades-femininas, nas ruas-sem-saída, nos limites-folhas-de-livro, nos horizontes-linhas-de-palavras.

Por seu turno, o espírito sistemático apresentado pelo imperador busca, por meio da elaboração de “modelos” (*puzzles*, tabuleiros e atlas), apreender as cidades. E, a partir das imagens (observadas, descritas, percorridas) permite que seu pensamento lógico, crítico, seja obrigado a utilizar (estas) convenções imaginárias, experiências agenciadas, que (na realidade) dotadas de razão e de verdade literária transportam o ouvinte. A melancolia do imperador é facultada pelas experiências silenciosas e urbanas que conduzem os seres urbanos a um caminho cada vez mais acentuado de desigualdade, perda da liberdade e à ausência de possibilidade de luta por um mundo menos infernal: o mundo torna-se uma prisão. Mas Kublai Khan, na sua busca de ver o invisível pensa, sonha, imagina.

A poesia de cada cidade possibilita experiências, indica a forma pela qual essa matéria essencialmente urbana transforma-se os elementos dos silêncios (de possíveis Marcovaldos e Palomares) e transporta, seguindo leituras, entre metáforas que se bifurcam. A pluri-significação não é pensada, mas sentida no instante mesmo em que o ser anda pelas rotas visíveis, vislumbrando o invisível. Não há uma certeza, não há uma razão; a voz narrativa do discurso invisível, ao nos oferecer *meros conselhos*, comunica sentidos que, na leveza, torna cada palavra um instante exato de reconhecimento de algo dentro das cidades reais ou imaginadas.

Os diversos olhares tornam possíveis ao leitor reconhecer, nesse conjunto de emblemas entre emblemas formados pelos seres urbanos, as nuances que compõem cada forma de palavrando cidades invisíveis. Pois o livro [...] “se discute e se interroga enquanto se

---

<sup>22</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainard. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 123.

escreve”<sup>23</sup> justamente pela duplicidade instaurada pelos personagens dispostos à polifonia autoconsciente.

Ao visitar *As cidades invisíveis* o crítico sabe que está fazendo uma viagem composta de inúmeros passeios, quadros, discursos. A narrativa de Calvino, ao mesmo tempo que guia por cidades imaginárias que crescem com leveza e guia pela eterna contradição humana que os seres urbanos formam todos os dias estando juntos. Sua estética é dúplici: a natureza "humana" convivendo com a "natureza" urbana. A dupla, em espelho invertido, nega-se, contra-argumenta, concorda... e assim se recompõe ininterruptamente como peça de um tabuleiro imenso chamado vida. Nos diálogos e nas contações-narrações de histórias-experiências, instaura-se um divertido e envolvente jogo de sentimentos ocultos na cidade-mundo: quando cidade, enigma; quando ser urbano, respostas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. 3v.

\_\_\_\_\_. In: KOTHE, Flávio (org.) *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

---

<sup>23</sup> CALVINO, Italo. *Le città invisibili – Posfazione*. Verona: Oscar Mondadori, 1993. p. IX. Tradução nossa.

\_\_\_\_\_. *Le città invisibili*. Verona: Oscar Mondadori, 1993.

\_\_\_\_\_. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

POLO, M. *O livro das maravilhas: a descrição do mundo*. Trad. Elói Braga Júnior. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. *Cidades invisíveis cidades: Leituras de poesia, devaneio e história em Italo Calvino*. Goiânia: UFG, 2003. (dissertação de mestrado).